

LÍNGUA DE SINAIS: CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

Ana Valéria Marques Fortes Lustosa é professora da graduação e pós-graduação da UFPI e doutora pela UNB. E-mail: avfortes@gmail.com.

Francisca Neuza de Almeida Farias é professora da ESTÁCIO/CEUT e doutoranda pela UFPI. E-mail: neuzaarias@yahoo.com.br.

Ediane Silva Lima é docente da UNINOVAFAPI e da faculdade IESM e mestranda pela UFPI. E-mail: limaedianeblues@yahoo.com.br.

Resumo:

A pessoa surda e a língua de sinais têm gerado um grande interesse no universo da pesquisa. Como consequência, há uma variedade de publicações diversas sobre esta área, as quais são recorrentes enquanto outros pontos são deixados de lado. Nosso objetivo é tratar da língua de sinais a partir da Linguística, observando língua, linguagem, sociedade, buscando, ainda, apresentar a língua de sinais como língua natural da comunidade surda. Nesta pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, recorreremos a autores como Sacks (2010), Quadros (2013), Guarinello (2007), Sausurre (2006), Benveniste (2006), dentre outros. Como resultado, entendemos que se faz necessário a conscientização da família, no sentido de permitir ao filho surdo aprender a língua de sinais por esta ser sua língua natural.

Palavras-chave: Língua de sinais. Surdo. Cultura. Sociedade.

Abstract:

Deaf people, just as much as sign language, have generated great interest in the research universe. As a result, there is a variety of different, but repetitive, publications on this area, while other points are left out. Our goal is to take the sign language from the Linguistics, observing language and society, seeking also present sign language as the natural language of the deaf community. In this qualitative research of bibliographic nature, we turn to authors such as Sacks (2010), Quadros (2013), Guarinello (2007), Sausurre (2006) and Benveniste (2006), among others. As a result, we believe that it is necessary to the family having certain awareness, to allow the deaf child to learn sign language as this is their natural language.

Key-words: Sign language. Deaf people. Culture. Society.

Introdução

Este artigo trata de algumas questões que envolvem o surdo e a sua relação direta com a sua LS, sem contudo discorrer a respeito de sua identidade ou das filosofias educacionais que se entrelaçam na historicidade desse indivíduo.

Além dessas questões, traçaremos alguns fatores que implicam ou mesmo se relacionam com a noção de língua, linguagem, sociedade, cultura e pensamento, com o propósito maior de destacar os fatos implicadores para o estudo do sujeito surdo e a relação com a sua língua natural.

Também não é de nosso interesse focar em uma conceituação ou mesmo definição de Língua de Sinais – LS, pelo contrário, partimos da perspectiva de que essa definição é aceita e compreendida e que já faz parte dos estudos linguísticos. Vamos, então, relacionar os principais fatores que envolvem o estudo de toda e qualquer língua natural com o que se refere aos resultados atuais a respeito das Línguas de Sinais – LS's, mais especificamente, da Libras, algumas vezes, também, denominada de LSB¹.

¹ Essa sigla é utilizada por Ronice Quadros e seguidores para se referir à Língua de Sinais Brasileira, comumente definida no cenário nacional como Língua Brasileira de Sinais ou mesmo Libras. É uma padronização do estudo linguístico das LS's em todo o mundo, tal como

2) As línguas de sinais

Sabemos que foi a partir de alguns resultados de pesquisas científicas (desde os anos 60, principalmente nos trabalhos de William Stokoe), que as LS's passaram a ser consideradas línguas completas e naturais, pois apresentam estrutura gramatical própria, em seus níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos (Santana, 2007). Como disse muito bem Sacks, a língua de sinais é muito expressiva, capaz de enunciar de modo essencial qualquer coisa que possa ser dita na língua falada (SACKS, 2010, p. 71).

Para tanto, é necessário esclarecer, essas línguas, por não utilizarem o canal oral-auditivo para a comunicação e por não terem o seu código escrito ainda popularizado por boa parte da comunidade surda, não podem ser eliminadas das considerações linguísticas e científicas. Isto se dá, porque apresentam uma organização estrutural e fazem parte da constituição cultural dos surdos, considerados falantes naturais destas línguas – crescendo, envolvendo e transmitindo dinamicamente as tradições socioculturais de sua comunidade e deles próprios (FERREIRA, 2010).

Para Quadros e Karnopp (2004), a principal diferença das línguas de sinais, com relação às línguas orais, não é somente pela sua modalidade viso-espacial, mas, sim, pela simultaneidade dos elementos das LS's. Ou seja, é pela modalidade de percepção e produção que os sinais são percebidos pela visão e produzidos ou articulados pelas mãos. Isso é bem esclarecido em Guarinello, quando ela diz que:

[...] Outros achados das pesquisas referem-se ao uso do espaço topográfico e à simultaneidade dos aspectos gramaticais. Essas duas características denotam uma língua processada pelo canal viso-espacial e determinam a diferença estrutural em relação à modalidade auditivo-oral [...] (GUARINELLO, 2007, p. 50).

Entendemos que, apesar de essas línguas possuírem características que as tornam uma língua como qualquer outra, elas apresentam certas particularidades em relação às Línguas Orais - LO's, ou seja, possuem modalidade gestual-visual-espacial. Segundo Ferreira (2010, p. 24), a “sua estrutura sublexical é constituída a partir de parâmetros”, que são assim representados:

Configuração das Mãos – CMs: é a forma na qual a(s) mão(s) se articula(m) e/ou se configura(m) compondo um sinal. A configuração pode formar desde o alfabeto manual² a outras formas para a construção do léxico nessas línguas de sinais;

Ponto de Articulação – PA: é o local onde o sinal é realizado, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro;

Movimento – M: é o deslocamento da mão quando da realização do sinal, o qual pode ter um movimento ou não; o movimento também serve de modificador de sentido;

ocorre, por exemplo, na ASL (Língua de Sinais Americana); LSF (Língua de Sinais Francesa) etc..

² Em que uma dada configuração da mão representa uma das letras do alfabeto gráfico.

Orientação – O: os sinais podem ter uma orientação/direção da palma da mão diferente para cada sinal e a inversão desta pode significar ideia de oposição, concordância número-pessoal;

Expressões Não Manuais – ENM's: são o modo como a fisionomia/corpo revela a intensidade do sentimento ou estado moral da pessoa durante a realização do sinal, entretanto estas expressões podem ser realizadas no rosto, com a cabeça ou com o tronco, ou ainda, com a conjugação dessas partes.

Com relação a esses parâmetros, verifica-se que alguns sinais podem apresentar CM, M, PA, O e ENM's, mas a distinção ocorrerá em um ponto específico que proporcionará a diferença dos significados. Assim, saber se expressar em Libras é saber combinar esses parâmetros de tal maneira que formem sinais em uma estrutura gramatical complexa, como qualquer outra língua (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Além disso, há uma característica isolada e mais notável da LS, que a distingue de todas as demais línguas e atividades mentais: “é seu inigualável uso linguístico do espaço”, além de uma grande complexidade desse espaço linguístico, a qual é “esmagadora para o “olhar normal” que não consegue ver, e muito menos entender o tremendo emaranhado de seus padrões espaciais” (SACKS, 2010, p. 77). Por isso, segundo esse autor, a língua de sinais possui, ainda, princípios adicionais muito diferentes, empregados de modos diversos, construindo o seu léxico sinalizado, auxiliando no processo de articulação dos sinais dessa língua.

E, assim, como Laborit (2000) nos diz em sua autobiografia, a língua de sinais não é uma forma de compensar a fala, mas a possibilidade de uma ‘voz’ única e possível para o surdo que não pode ouvir a própria voz. Isso justifica o nível de complexidade dessas LS's, tendo em vista que os sinais nessas línguas consistem em inúmeros padrões espaciais encaixados de forma tridimensional uns nos outros, além do uso do parâmetro Movimento, como afirmado anteriormente por Sacks (2010).

Desse modo, as línguas de sinais possuem, na verdade, quatro dimensões: as três dimensões espaciais (acessíveis ao corpo do sinalizador, mais a dimensão temporal, como tão bem salienta Oliver Sacks, em sua obra *Vendo Vozes*. Trataremos das mesmas em seguida.

2.1) O caráter natural das línguas de sinais

Estudiosos linguísticos das LS's afirmam que essas línguas se utilizam do espaço porque podem. Concordamos e acrescentamos que elas podem porque isso é uma peculiaridade natural e específica dessas línguas, justamente por terem uma modalidade distinta e contrastiva quando comparada com as demais LO's.

Assim, segundo Capovilla & Capovilla (2002), as LS's por possuírem caráter visual são consideradas as línguas naturais dos surdos. Para Nörth (1995), essas línguas possuem total autonomia quando comparadas com as LO's, o que acaba por destacar seu caráter de independência. E essa autonomia, segundo esse teórico, se dá por meio de três aspectos:

O primeiro aspecto seria a autonomia estrutural, os sinais que representam o léxico das LS's não são um soletramento ou mesmo uma tradução das palavras, pelo

contrário, apresentam um alto grau de iconicidade e de independência em relação a outros tipos de representações. O segundo refere-se à autonomia geográfica, pois é notório que essas línguas possuem limites territoriais próprios; como não perceber a existência e o grau de mutabilidade dos sinais de um país para outro? Ou mesmo de uma região para outra em um mesmo país? E até mesmo de uma comunidade surda para outra, em um mesmo país e/ou região?

E finalmente, o aspecto da autonomia funcional, pois é a modalidade visual dessas línguas que promove as diferentes circunstâncias de uso e de disponibilidade possibilitados pelo uso do espaço em frente e ao redor do corpo do sinalizador.

3) A língua e sua relação com a sociedade, a cultura e o pensamento

Segundo Benveniste, acima das classes, grupos e atividades particularizadas, “reina um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva”, que é a língua e somente a língua, porque esta “representa uma permanência no seio da sociedade que muda, uma constância que interliga as atividades sempre diversificadas. Ela é uma identidade em meio às diversidades individuais” (BENVENISTE, 2006, p. 97).

A partir dessa ideia, refletimos sobre a importância e o poder de uma língua para afirmação e formação da identidade de uma sociedade e/ou comunidade, como no caso dos surdos, aqui objeto de nossas discussões, neste artigo.

Ainda segundo Benveniste (2006), a língua e a sociedade são duas grandes entidades que se relacionam, pois a língua(gem) é o meio de o homem interagir e, por isso mesmo, esta implica naquela. Além disso, historicamente, evoluem em graus distintos, sendo a sociedade inerente à língua.

No entanto, em seu aspecto fundamental, tanto uma como a outra (língua e sociedade) são herdadas e representadas naturalmente e, além disso, não podem ser modificadas por vontade ou desejo individual. O que muda na língua são as possibilidades de uso, enfim é a variação do uso de dadas expressões que se dão em novas formas de uso e de sentido (BENVENISTE, 2006).

Por isso, língua e sociedade se dão de forma natural a ponto de não sabermos identificar ao certo quando começaram, sendo que o princípio de coletividade e individualidade na sociedade é sempre o mesmo; o que muda são as instituições e nenhum homem acompanha essa mudança de perto, tendo em vista que esta se dá com a passagem do tempo. Do mesmo modo é com a língua, pois o que muda nela são as designações, a forma ou o modo como o homem se organiza socialmente difere do modo como a língua se organiza. Mas, ao mesmo tempo, sabemos que, tal como a sociedade, ela se organiza, produz, transforma e multiplica modos de subsistência (BENVENISTE, 2006).

A língua serve como instrumento de comunicação a todos os membros da sociedade devido às suas propriedades semânticas, ou seja, à sua capacidade de produzir sentido. Enfim, “a língua é, necessariamente, o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto à experiência, portanto este

composto de natureza e de experiência que se chama a sociedade” (BENVENISTE, 2006, p. 99-100).

Por isso, para esse linguista, a língua engloba a sociedade conservando-a e organizando-a sobre os regimes que constituem toda e qualquer sociedade, sem esquecermos que este também a considera como duas “grandezas não-isomórficas, vê-se logo na diferença que as separa em sua organização estrutural” (BENVENISTE, 2006, p. 95). Sendo que a língua é um produto social convencionalizado pelos falantes de uma comunidade, por isso não se confunde com a linguagem (SAUSSURE, 2006).

3.1) Língua(gem) e cultura

Para Caune (2014), a língua é um elemento que constitui a cultura. Tal afirmação se pauta em Ferdinand de Saussure, quando define que a língua é um instrumento de comunicação, funcionando como a capacidade de construir significados, resultante do signo linguístico através da relação do significado mais o significante. Do mesmo modo, Lyons (2009), abre suas discussões a respeito da relação entre língua e cultura, trazendo à tona o conceito também definido pelo pai da linguística, de que toda e qualquer língua é de uso comum de todos os membros de uma dada comunidade, e que esta os determina e os compõe como uma comunidade linguística.

Sabemos que a Cultura Ouvinte³, em sua grande maioria, acaba por ignorar o surdo como falante de uma língua, pois não compreende que “cada sociedade tem sua própria cultura; e diferentes subgrupos dentro de uma sociedade podem ter a sua própria subcultura distintiva⁴” (LYONS, 2009, p. 224).

Quanto ao surdo, representante da Cultura Surda, é preciso que lhe seja repassado que: “[...] não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é culturalmente transmitido: é adquirido embora não necessariamente aprendido, em virtude do indivíduo ser membro de determinada sociedade [...]” (LYONS, 2009, p. 224). Essa é a situação da comunidade surda brasileira, pois, em sua grande maioria, tem seu primeiro contato com a Libras já tardiamente, ou seja, quando terminada a fase ideal de aquisição da linguagem⁵.

Outro ponto relevante para nossas discussões, diz respeito à competência linguística de uma pessoa, a qual, segundo Lyons (2009), é a capacidade de um falante de uma língua produzir, receber e compreender sentenças, frases, enunciados, obedecendo a um número finito de regras dessa língua específica.

Ainda para esse linguista, somente de posse da linguagem o ser humano se distingue dos demais animais, pois “não se pode possuir (ou usar) a linguagem natural sem possuir (ou usar) alguma língua natural específica”. Afirma também que esse fato

³ Essa expressão surge da necessidade em opor-se a um outro, ou seja, aquele que não ouve, que é o surdo, representante da cultura surda.

⁴ Isso é bem evidente na comunidade surda, quando diferentes grupos de surdos permeiam em uma mesma sociedade.

⁵ Segundo a teoria de aquisição da linguagem, esse processo se dá até aos 3 anos de idade, depois disso já é considerado o período crítico (KAIL, 2013).

independe de estímulo, porque a ação de cada indivíduo é determinada por sua língua (LYONS, 2009, p. 2).

Ainda nos direcionando para aquela afirmação inicial de Caune (2014), de que a língua é como constituinte da cultura, entendemos que todo e qualquer indivíduo falante de uma língua tem sua consciência despertada no mundo quando inserido social e culturalmente. Isso é mais óbvio quando nos reportamos a evidências na história da humanidade. Quando indivíduos foram encontrados isolados da sociedade, apresentaram-se inóspitos e com certa incapacidade para adquirir uma linguagem e uma cultura.

Não podemos esquecer que língua, cultura e sociedade são experienciadas pelos seres humanos de forma inconsciente; isso significa que não ficamos nos moldando ou mesmo avaliando e direcionando nossas ações no mundo, pelo contrário, a língua que é natural. E a cultura de uma sociedade é compartilhada por todos os membros de uma comunidade, que é o que os define no mundo como pertencentes dessa comunidade.

Dada essa realidade apresentada, quando nos reportamos para o mundo dos surdos, eis que surgem alguns questionamentos: como e de que forma isso acontece com a comunidade surda, especialmente quando pensamos nesses indivíduos como falantes de uma língua de modalidade diferente? Ou mesmo, ainda, quando o surdo nasce em uma família de ouvintes, fato mais do que comum, e ele não pode adquirir naturalmente uma língua oral, como é a sua vida em sociedade?

3.1.1) Cultura surda

Sabemos que a noção de cultura parte da perspectiva de que o homem é um ser social e público, e que por isso mesmo age, pensa, constrói e sente conforme sua relação com as pessoas e o mundo. Desse modo, a visão de cultura aqui discutida, é a que envolve e promove a interação de todo e qualquer indivíduo por meio da interação social entre seu(s) grupo(s) (SANTANA, 2007).

De forma que os fenômenos culturais, assim como os fenômenos da língua, “não podem ser considerados como dados simples que se definem no âmbito de sua própria natureza” (CAUNE, 2014, p. 23). Uma breve discussão nos levará à constatação de que a língua possibilita ao homem o acesso à cultura, que o transforma e o direciona. A própria história vida de muitos surdos, em todo o mundo, nos remete para esse fato, somente quando têm acesso a uma língua é que passam a compreender as coisas, as pessoas, as palavras, as coisas, enfim se sentem inseridos cultural e socialmente (LABORRIT 2000).

E essa inserção sócio-cultural é um direito de caráter linguístico de cada comunidade poder se relacionar com seus membros, através de sua língua e dos interesses em comum (UNESCO, 1996).

Levando esse pensamento para o mundo dos surdos, isso é bastante evidente ao verificarmos que conforme nos reporta Laborrit (2000), ao ver pela primeira vez um grupo de pessoas surdas sinalizando, foi quando ela finalmente percebeu, através do contato dessa língua, a noção de sua própria existência, a se ‘enxergar’, a se questionar,

a duvidar, enfim, a entender melhor o mundo ao seu redor. Pois é pela linguagem que influenciemos e somos influenciados dentro de nossa comunidade e a cultura está aí relacionada (CAUNE, 2014).

Para Strobel (2008), assim é a cultura surda, que se define pela sua história cultural. E a expressão ‘cultura surda’, ainda segundo essa autora, não se resume ao uso dos sinais, vai além disso: uso das expressões faciais e corporais, uso de desenhos, de histórias, e da própria autobiografia publicada por vários surdos em todo o mundo e aos mecanismos visuais que os surdos utilizam para estabelecer a comunicação. Por isso, segundo Santana (2007), há pelo menos duas formas de se discutir a respeito da cultura surda:

A primeira seria o fato de o surdo não poder ter uma cultura própria apenas por possuir uma língua minoritária, pois uma língua não seria fator suficiente para idealização de uma dada cultura. Nessa visão, os surdos vivem e interagem no mesmo ambiente cultural dos ouvintes, pertencendo ao âmbito maior, que os atinge diretamente⁶.

Já a outra perspectiva que abarca essa discussão, diz respeito à formação cultural surda partindo de um pressuposto muito mais complexo, em que o mais importante não é partir de uma formação única e concebida de cultura, e sim estabelecer as questões (e/ou questionamentos) e a problematização na qual o indivíduo surdo esteja inserido, para que assim se possam buscar as formas de representar esse indivíduo em sua totalidade, ou seja, culturalmente.

Contudo, o caráter distinto da identidade surda fortalece a sua formação cultural, como usuário e pertencente de uma língua distinta da maioria, mas que divide o mesmo espaço na sociedade do qual este participa. E que essa diferença é possibilitada pela sua língua de sinais, que no caso do surdo brasileiro é a Libras.

Não podemos deixar de destacar o que já afirmamos anteriormente: é por meio da LS que esse indivíduo surdo se expressa e conhece o mundo e, consequentemente, suas atitudes se dão na perspectiva visual. Ou seja, a sua forma de ver e de se relacionar, meio pelo qual sua cultura se faz presente, se dá em uma perspectiva visual.

Ainda a esse respeito, o surdo é descrito pela literatura da área como possuidor de uma percepção visual aguçada, que lhe permite descrever e narrar toda e qualquer cena sem perder nenhum detalhe. Este fato nos leva a pontuar que há uma maneira particular de esse(s) indivíduo(s) organizar(em) seu pensamento e de interagir(em) no mundo (SACKS, 2010).

Essa capacidade é vista como um reflexo do estímulo visual, compensado pela falta de percepção ou memória auditiva, que o auxilia para entender e perceber o mundo ao seu redor. Isso é discutido por Vygotsky (2007), quando fala do processo de compensação de sentidos, ou seja, do acentuamento das potencialidades, mediante a(s)

⁶Em Strobel (2008), é apontado que alguns estudiosos da área defendem que os surdos não possuem uma cultura própria, o que nos leva a outra perspectiva de se ‘enxergar’ esses indivíduos. No momento não teremos maiores discussões a esse respeito, visto que foge de nossos propósitos e das discussões aqui pretendidas.

dificuldade(s) fisiológicas(s) estabelecidas pela elevação de um dado sentido, quando lhe falta ou mesmo é impedido por um dos demais sentidos⁷.

3.2) Língua(gem) e pensamento

Para Saussure (2006), a linguagem apresenta-se de muitas formas, pois é ao mesmo tempo física, fisiológica, psíquica e pertence tanto ao domínio individual (fala)⁸ quanto ao domínio social (língua). Assim, a linguagem é a possibilidade de o homem criar e recriar o possível e o impossível, e essa possibilidade não só é fascinante, mas é analisada de inúmeras formas, em especial pelas abordagens linguísticas.

Partindo desse pressuposto e considerando os fatores socioculturais e linguísticos, questionamos: Até que ponto a língua interfere nas relações humanas, nas construções de “diálogos” dentro de uma dada realidade, seja real ou imaginária? De que forma o cognitivo, o pensamento é construído por influência da linguagem? Ou seria o contrário, é o pensamento que a constrói e a possibilita?

Esses questionamentos acompanham os estudos linguísticos desde antes de Saussure, mas somente ganharam destaque no gerativismo de Noam Chomsky. Para esse gerativista, a linguagem é algo inato do ser humano e é transmitida/adquirida de forma genética.

Para Fiorin (2005), a linguagem sempre exerceu um grande fascínio ao ser humano, sendo vista como a imagem do pensamento, que possibilita ao homem o poder de criar, de transformar, de nomear as coisas ao seu redor, de trocar experiências, falar sobre tudo e qualquer coisa (imaginada e/ou sequer possível de existir). É através da linguagem que o pensamento apresenta-se, pois as línguas são manifestações da linguagem. Além do que, não se exerce a fala sem a possibilidade da língua. Para esse linguista, a linguagem faz parte do domínio individual e social, pois ela é ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica (heteroclítica e multifacetada).

Assim, a língua é uma parte essencial e social da linguagem, pois é a partir dela que os indivíduos interagem. Visto que um indivíduo pertencente a uma dada comunidade não poderá sozinho modificá-la, pelo contrário deverá obedecê-la como em uma ‘espécie de contrato social’. Por isso, para esse teórico, a língua é um ato social, enquanto a fala é um ato individual. E apesar desse linguista separar a língua da fala, deixa bem claro que há uma relação de interdependência entre elas, pois “não há língua sem o exercício da fala” (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Para Vygotsky (2007), em *Pensamento e Linguagem*, uma palavra, se não relacionada com o pensamento não tem sentido, é uma palavra vazia, do mesmo modo é o pensamento destituído de palavra.

⁷Aqui entendemos que, no caso da surdez algumas vezes há mais de uma perda dos sentidos, como no caso da surdez-cegueira, elencada no quadro clínico de deficiências múltiplas.

⁸Entendemos que essa noção é muito mais ampla, portanto, não seguimos o sentido estrito da palavra, e sim a enxergamos como possibilidades amplas de interação, que se dá tanto oralmente (para os ouvintes) quanto manualmente (para os surdos).

Portanto, a Linguística passa a representar-se como estudo científico da linguagem e a história das línguas. É uma ciência e, também, uma prática social, pois possui objeto e uma metodologia própria, além de métodos rigorosos que têm como pretensão descrever e explicar os fatos linguísticos (FIORIN, 2005).

É a linguagem que determina os atos de aprender a pensar das crianças, uma vez que estas estão expostas a avançados pensamentos. O pensamento tende a estabelecer uma relação entre as coisas, se move, amadurece e desenvolve-se, preenche uma função, resolve um problema. Assim, a relação entre a linguagem e o pensamento sofre alterações, evoluindo.

O pensamento, antes de chegar até o indivíduo terá sofrido alterações, pois ao ser transmitido por meio da palavra/linguagem deverá ser processado. Daí dizermos que, cada um de nós concebe o mundo, ao nosso redor, de formas diversas, pois a nossa língua interfere (in)diretamente nesse processo. Mas como a palavra se apresenta ao pensamento?

A linguagem é algo fundamental para o ser humano, por isso sempre houve uma preocupação em entender como se dá tal relação. Em várias épocas, filósofos e linguistas têm se preocupado em investigar a linguagem sob diversos pontos, tais como: A linguagem é anterior ao pensamento? Existe pensamento sem linguagem? Qual o papel da linguagem para a formação do ser humano?.

A partir disso, nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, surgiram visões distintas para a concepção de linguagem. Para Platão, existia uma relação direta entre as palavras e o que elas representavam; para Aristóteles, a linguagem era apenas uma convenção que ligava a forma a seu significado. Nessa mesma época surgia o embate entre a experiência *versus* a razão (empirismo *versus* racionalismo). Essa relação entre linguagem e pensamento perdurou por vários séculos, pois sempre houve uma relação direta (linguagem/pensamento) da ação do homem no mundo.

No século XX, eis que surgem as principais teorias/abordagens linguísticas a respeito dessa relação, e estão todas ligadas à base filosófica da linguagem. Como vimos anteriormente, são elas: o Estruturalismo (Ferdinand de Saussure) e o Gerativismo (Noam Chomsky) (BENVENISTE, 2006).

Na visão estruturalista, que tem como base o empirismo, a linguagem seria transmitida ao cérebro de forma sensorial, como uma impressão associando conforme a experiência. Aqui, a língua tem um conceito muito restrito, é vista como um conjunto ou um sistema de hábitos adquirido de forma acidental ou extrinsecamente. Na visão do Gerativismo, as teorias racionalistas voltam-se para as operações mentais, organização e percepção de princípios inatos na aprendizagem, enquanto que para os estruturalistas, o pensamento não poderia existir sem a experiência, sem a vivência, sem um contato com o outro.

Chomsky era um crítico do estruturalismo, porque sua teoria ia contra as ideias apresentadas por Saussure, ou seja, o falante e seus processos mentais eram os responsáveis pela estruturação do pensamento (BENVENISTE, 2006). E para Humboldt, a língua é o espelho do pensamento, assim como muitos autores consideram que ela, a língua, também é o espelho da sociedade (Benveniste, 2006), tendo em vista

que o mundo é apresentado ao homem conforme sua concepção formada a partir da linguagem.

Desse modo, é a linguagem que ‘modela’ o seu mundo, ou seja, cada um de nós percebe o mundo ao nosso redor, e conforme a concebemos, ela influencia diretamente em nosso pensamento, dando-nos a noção de mundo e das pessoas e firmando nossas interações sociais. Assim, ao adquirirmos uma língua passamos a interagir socialmente no mundo através de nossas relações sociais.

Essas discussões nos direcionam para destacarmos como se dá a organização do pensamento dos surdos, levando em conta sua noção visual e espacial a partir da modalidade linguística das LS’s. Enfim, discorreremos a respeito de sua capacidade mental para o estabelecimento do ato comunicativo.

3.2.1) O surdo e sua organização espacial do pensamento

De acordo com Sacks, é evidente para os pais de Charlotte, que “ela constrói seu mundo de modo diferente, talvez radicalmente diferente; que emprega padrões de pensamento predominantemente visuais e que “pensa diferente” com respeito aos objetos físicos” (SACKS, 2010, p. 68).⁹

O relato acima é um dos muitos destaques que constam na obra célebre *Vendo Vozes* a respeito da organização do pensamento espacial dos surdos e de sua língua sinalizada. E, nesse trecho, mais especificamente, objetivamos ressaltar a capacidade única e distinta de muitos surdos pensarem, tal como observado e constatado por Sacks durante a sua ‘viagem ao mundo dos Surdos’, como ele mesmo denomina, com base em resultados de pesquisas (BELLUGI, 1980; BELMONT, KARCHMER & BOURG, 1983 e muitos outros). Aborda e discute a forma de o surdo perceber o mundo e organizar seu pensamento através de duas perspectivas: visual e espacial, que é a representação natural de sua língua.

A primeira perspectiva já é bastante comentada pela literatura da área, tal como constatamos em: Sacks (2010); Quadros (2013); Ferreira (2010) e muitos outros. Essa constatação teórica nos remete aos estudos de L. Vygotsky, quando trata da formação social da mente e do domínio sobre a memória e o pensamento, mas o que aqui nos interessa, para enfatizarmos a organização do pensamento visual do surdo, é quando ele apresenta o estudo sobre a formação de imagens eidéticas¹⁰, que denomina de memória natural.

Como dissemos, esse teórico aborda muitos fatos que destacam o estudo e a formação da mente do ser humano de um modo geral, e nos direcionando para a realidade do surdo que se comunica através de uma LS, é notória essa capacidade de memória visual, pois explora o recurso visual de forma única. Não que isso também não aconteça com indivíduos ouvintes, tanto que é dessa afirmação que esse teórico justifica essa linha de raciocínio.

⁹Relato da narrativa dos pais de uma criança surda congênita em sua busca por estabelecer uma relação comunicativa com sua filha.

¹⁰Para mais detalhes consultar JAENSCH, E.R. *Eidetic Imagery*. Nova York. Hancourt, Brace, 1930.

Mas no caso dos surdos, estes parecem ser capazes de descrever e narrar toda e qualquer situação sem esquecer nenhum detalhe, a ponto de que, mesmo quando seu interlocutor não sabe LS, ainda, assim é capaz de entendê-los¹¹. Quem já presenciou um surdo descrever uma dada cena, seja de uma pessoa, de um animal, fica extasiado com a riqueza de detalhes que comumente emprega e do modo como explora o espaço em frente ao seu corpo (e até mesmo na forma das suas expressões faciais e corporais, que ganham traços, formas, ações, sentimentos etc.).

É comprovado quando comparamos uma situação que é descrita por um ouvinte e por um surdo, pois a capacidade de fotografar ‘fielmente’ cada detalhe é um fator preponderante para a forma como o surdo organiza o mundo. É como se estivéssemos assistindo a uma cena de filme, e como bem define Sacks (2010), é uma linguagem imagética, cinemática com detalhes impressionantes.

Entretanto, não é de nosso interesse estudar isso de forma mais profunda, pelo menos não no momento, certamente um trabalho voltado para essa linha de raciocínio seria de suma relevância para os estudos da área, portanto, esse fato surge como uma sugestão para futuras pesquisas. Destacamos que já existem pesquisas que estudam essas características cinemáticas, o foco de cena, por exemplo, comparando cena de filme com “cena de Libras”, mas nem uma sob esse enfoque necessariamente.

Quanto à segunda perspectiva, destacamos a organização espacial do pensamento de surdos fluentes em LS, o que para nós, estudiosos da área, é considerado algo bastante óbvio, justamente por este ser o traço linguístico que a distingue das demais línguas. Levando em conta que, a sua estrutura gramatical é visualmente descritiva no espaço, isso também é enfaticamente apresentado na literatura dos estudos dessas línguas em todo o mundo. E como constatado, apresentamos um trecho de um comentário de uma narrativa apresentado por Sacks (2010, p. 65) quando os pais de tiveram de aprender a ASL: “[...] [mas] as complexas estruturas lineares do inglês falado não se traduzem para uma língua de sinais interessante, e por isso tivemos de reorientar o modo como pensávamos a fim de produzir sentenças visuais [...]”.

Desses dados discutidos, é notório estabelecer um entendimento de que o surdo, de fato, possui uma organização mental distinta dos falantes de LO’s. E ao mesmo tempo, também, consideramos que cada língua possui suas especificidades linguísticas devido à complexidade individualizada de cada língua e de cada cultura. Até mesmo porque isso é justificado pela teoria dos estudos da aquisição da linguagem: ‘saber uma língua é saber pensar através desta’.

É relevante essa compreensão de que o falante nativo de uma LS possui características peculiares e específicas para entender e organizar o mundo através do seu pensamento, que é visual e espacial. Outro fato que justifica esse destaque em nossas discussões refere-se a quando Sacks (2010) enfatiza que os estudos linguísticos na área da ASL evoluíram e ganharam novo enfoque metodológico e análises mais profundas, a partir do momento em que surgiram linguistas surdos, que puderam finalmente explicar dados de sua língua que ‘aos olhos’ dos não nativos passavam despercebidos. Também

¹¹Destacamos que isso não ocorre em toda e qualquer situação e sim quando se utiliza dos Classificadores, processo o qual possibilita descrever pessoas, animais e objetos de forma mais específica.

Quadros (2013) justifica que as pesquisas na LSB irão evoluir quando surdos formados na área poderão finalmente responder ‘vácuos’ que os estudos anteriores e até mesmo atuais, ainda, não puderam responder, tendo em vista que estes saberão melhor apresentar a forma como interagem e percebem o mundo através de sua língua.

4) Surdos fluentes e surdos não fluentes

O sujeito surdo é aquele que representa uma minoria linguística, isto é, aquele que é reconhecido e legitimado por se comunicar por sinais, e que interage por meio de um idioma de modalidade visual-espacial. Ou seja, sua percepção comunicativa se dá pela visão e sua expressão é feita pelo uso das mãos sinalizando em frente ao corpo por meio de movimentos e expressões corpóreo-faciais. Segundo Luz (2013), compreender esse tipo de surdez é fundamental para entender o sujeito surdo como representante de uma minoria linguística, e destaca também da relevância em compreender:

[...] a base sensorial, linguística e relacional de sua constituição psíquica e os modos pelos quais os surdos acontecem como alguém no mundo. A surdez, enquanto um dos elementos do seu conjunto corpóreo, é fator condicionante da existência dessas pessoas. Para os que experimentam a condição surda, o sentido visual ocupa lugar central no processo relacional de criação, interação e inserção no mundo. Esse tipo de surdez não é mero fator periférico ou acessório (LUZ, 2013, p. 18).

É a própria identidade do surdo que o define, por meio e uso de sua língua sinalizada, algo que lhe é próprio e específico. Assim, temos que o falante de LS não é exatamente aquele que nasceu surdo, pois vários fatores implicam nesse processo de constituição de uma identidade. Como já esclarecemos acima, surdo é o que fala em sinais, usa as mãos, o corpo e a face para se expressar, embora possa oralizar, sem contudo usar a fala oral como seu veículo maior de comunicação e sim a língua de sinais. O mesmo não se dá com o deficiente auditivo, que pode saber língua de sinais, mas usa a oralidade como meio maior de comunicação e, muitas vezes, graças ao aparelho auditivo, pode perceber sons ou ouvir. Além disso, o aprendizado da língua de sinais por surdos filhos de ouvintes nem sempre é permitido pela família por sentirem necessidade de o filho(a) oralizar para melhor se comunicar com a família.

Essa atitude foi e é o motivo impeditivo para esses indivíduos avançarem social e culturalmente, porque ora lhes são negados o acesso à sua língua, que é natural e própria, devido às suas necessidades físicas; e ao mesmo tempo lhes são impostas situações restritivas e marginalizadoras criando ou mesmo reforçando, ao longo de toda a sua história, estereótipos que distorcem, em sua grande maioria, verdades pouco conhecidas ou mesmo aceitas pela comunidade ouvinte. Todavia esse não é o momento de nos estendermos nesse aspecto e nessa realidade da comunidade surda, não porque não nos seja relevante, mais porque foge de nossas pretensões já bem aqui esclarecidas. Desse modo, apresentaremos a seguir as possíveis marcas que traçam e definem um surdo como fluente em LS.

Surdos que nascem em famílias de surdos, comumente, são inseridos de forma natural nessa língua e a adquirem no período ideal e crianças ouvintes, filhas de pais

surdos, também têm acesso desde cedo a uma LS, sendo que estas possuem uma particularidade, porque são ao mesmo tempo bilíngues bimodais. Ou seja, aprendem as duas modalidades, às vezes, ao mesmo tempo, por isso mesmo são consideradas bilíngues, nomeadas e conhecidas pelos estudiosos da área pela sigla em inglês CODAS¹². E há surdos, filhos de pais ouvintes, que têm acesso à uma LS tardiamente, e a aprendem rapidamente, apresentando grande agilidade, mesmo tendo passado o período ideal para sua aquisição.

Essa realidade, a respeito desses surdos, contrasta com a vida de muitos outros surdos, como por exemplo: surdos implantados (os que fizeram o implante coclear, ainda recém-nascidos ou já adultos); crianças surdas que não tiveram ou mesmo não lhes foi possibilitado o acesso a uma LS e/ou comunidade surda; crianças surdas com outras deficiências; surdos oralizados etc. Enfim, como dissemos acima, são muitas as realidades a respeito da individualização dos surdos, porém o surdo, aqui objeto de nossas discussões, é o que se comunica e interage por meio de uma língua de sinais.

A oficialização da Libras como primeira língua da comunidade surda brasileira pela Lei 10.436/2002, e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, ainda não é o suficiente para que todos os surdos brasileiros possam ter acesso à sua língua, pois, na grande maioria dos casos, é a própria família que, seja por falta de interesse ou desconhecimento, não busca conhecer ou mesmo aprendê-la, o que nos leva a uma constatação mais óbvia, e que muitos desconhecem: nem todos os surdos sabem se comunicar através de sua língua de sinais. E isso se dá por inúmeros fatores, tal como descrito anteriormente.

Contudo, ao entendermos melhor esse processo, chegamos à afirmação da identidade e da construção de uma cultura própria do surdo. Como no caso do Brasil, o surdo fluente é aquele que se utiliza da Libras para se comunicar, que opta por sinalizar ao invés de oralizar, além de participar ativamente da comunidade surda frequentando aonde estão seus pares, estudando a sua língua, atuando como militante de sua causa, participando de eventos esportivos, sociais e culturais que representam a sua comunidade linguística minoritária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, compreender a importância de uma língua para a construção de uma comunidade minoritária não é apenas aceitar a sua língua, seja por imposição ou adequação através de uma lei. É necessário (re)conhecer as relações que permeiam e envolvem a constituição de toda e qualquer língua.

Não que aqui estejamos exigindo que todos aprendam noções fundamentais de linguística, mais sim defendemos que os atuantes ou mesmo os que pretendem atuar no estudo de uma língua de sinais (surdos e ouvintes), que convivem e atuam profissionalmente com os surdos, busquem entender as relações que se estabelecem entre as noções fundamentais entre língua, linguagem, sociedade, pensamento e cultura.

¹² Para mais detalhes consultar o projeto *BiBiBi*

Finalmente, ao defendermos e construirmos aportes teóricos e sociais favoráveis para essa comunidade, também lutamos para que, além do reconhecimento, mesmo que tardiamente, de que a Libras é a sua língua, que é direito deles, o acesso a ela deve ser desde o seu nascimento. Além disso, defendemos a ideia de que a sociedade e, em especial, a família devem aprender e aceitar não somente a deficiência auditiva, mas que introduzam em suas vidas a vivência da língua de sinais, pois só assim estaremos respeitando e aceitando os surdos como representantes de uma cultura e falantes de uma língua que lhes é própria, ideal e natural, a língua de sinais.

REFERÊNCIAS

BRASIL Diário Oficial da República Federativa do. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Brasília, DF: 24 de abril de 2002.

BRASIL Diário Oficial da República Federativa do. **Decreto – Lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei n. 10.436/2002, de 19 de dezembro de 2000**. Brasília, DF: 23 de dezembro de 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. GUIMARÃES, Eduardo et al (Trans.). 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2006.

CAPOVILLA, F. C. & CAPOVILLA, A. S. (2002). **Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Jul/Dez 2002, v. 8, n 2, p. 127-156. Disponível<http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista8numero2pdf/1capovilla.pdf>. Acessado em: 25/06/2015.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação** convergências teóricas e lugares de mediação. BARROS, Laan Mendes de (Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2014.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. São Paulo: Cultrix, 2010.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I** objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita dos sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

KAIL, Michèle. **Aquisição da linguagem**. MARCIONILO, Marcos (Trad.) 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

LABORIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota**. 2. ed.. Título original: Le cri de lamouette. SARMENTO, Ângela (Trad.). Lisboa-Po: Caminhos, 2000.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística**: uma introdução. AVERBURG, Marilda Winkler e SOUZA, Clarisse Sieckenius de. (Trads.). Rio de Janeiro: LTC, 2009.

LUZ, Renato Dente. **Cenas surdas** os surdos terão lugar no coração do mundo? 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

Nörth, Winfried. **Handbook of Semiotics**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de Sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M. de, STUMPF, Marianne Rossi & LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs). **Estudos da língua brasileira de sinais I**: série estudos linguísticos e estudos da tradução. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 15-36.

_____. **Educação de Surdos** aquisição da linguagem. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral** (2006).

VYGOTSKY, Levis. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. COLE, Michael etAL (Orgs.). 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Motta, Laura Teixeira (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

STROBEL, Karin. **A imagem do outro sobre a cultura surda**. Santa Catarina: UFSC, 2008.

UNESCO. **Declaração universal dos direitos linguísticos**. Barcelona de 6 a 9 de Junho de 1996.